



O silêncio como luta contra o pecado e o vício

O silêncio é empregado pelos monges como um meio na luta pela pureza do coração, a pureza e honestidade interior. Em primeiro lugar ele serve para evitar os muitos pecados que todos os dias nós cometemos com a língua. São Bento, em sua regra, fundamenta o silêncio com uma frase do livro dos Provérbios: “No muito falar não faltará o pecado” (Pr 10,19; RB 6). Esta parece ser uma razão muito negativa. Não se consegue perceber aqui coisa nenhuma do elogio do silêncio. Devemos fazer silêncio porque do contrário estaríamos continuamente pecando. Os monges, ao que tudo indica, fizeram experiências muito negativas com o falar. Logo que se abre a boca já se corre perigo de pecar. Um dito dos patriarcas expressa isto:

Uma vez o patriarca Sísóes disse, cheio de confiança: “Eis que já se passaram trinta anos que não rezo a Deus por causa de um pecado, mas por isso eu rezo: Senhor Jesus, protegei-me contra minha língua – e no entanto eu ainda peço e caio diariamente pela língua” (Apo 808).

1. Os perigos do falar

São sobretudo quatro os perigos que, de acordo com a experiência dos monges, traz consigo o falar:

O primeiro perigo é a curiosidade:

Um dos patriarcas costumava dizer: Um monge nunca deve andar atrás de saber como é este ou aquele; tais perguntas apenas o afastam da oração e levam às calúnias e às conversas vãs; por isso o melhor é calar-se inteiramente (Apo 996).

A curiosidade leva à distração. A pessoa distraída ocupa-se com todas as coisas. É vazia e superficial. O pensamento de Deus não pode permanecer nela. Nada pode nela amadurecer. Isto é drasticamente descrito em um aforismo:

Alguns irmãos de Sketis iam visitar o patriarca Antão. Para chegar até onde ele se encontrava embarcaram em um navio. Ali encontraram um velho que também queria ir

para lá, mas os irmãos não o conheciam. Enquanto estavam no navio, eles conversavam uns com os outros sobre os ditos dos padres, sobre palavras da Escritura, e também sobre seus trabalhos manuais. O velho, porém, permanecia calado. Quando chegaram ao destino, viu-se que o velho também ia para o patriarca Antão. Chegando eles à sua presença, Antão lhes disse: “Encontrastes um bom companheiro neste ancião”. E disse também a este: “Gente boa tens contigo”. O ancião replicou: “Bons, bem que eles são, mas sua fazenda não tem porta e qualquer um pode entrar no estábulo e soltar o burro”. Isto ele disse porque eles falavam tudo que lhes dava na cabeça (Apo 18).

Quando alguém não é capaz de guardar nada para si e tem necessidade de falar a respeito de tudo, tanto do bem quanto do mal, passa a impressão de que não possui profundidade. Não conhece segredos. Não consegue viver com segredos, não consegue suportá-los. Mas então também ele não é capaz de penetrar mais profundamente em um mistério. Destrói o mistério, porque logo quer falar a respeito dele. Nesse contínuo falar, em última análise manifesta-se um medo do mistério, talvez até um medo do próprio Deus. Quando falamos, nós queremos dar nome a tudo, queremos penetrar tudo, fazer com que tudo se torne transmissível, e assim

termos domínio sobre tudo. Quando eu falo sobre alguma coisa, eu a domino. Lanço-a para o outro. Portanto ela não poderá derrubar-me.

O segundo perigo do falar é o de julgar os outros. Se observarmos cuidadosamente o que falamos, veremos que uma grande parte é a respeito dos outros. Continuamente nós nos demoramos a falar sobre os outros. Pois os outros, como são interessantes! Continuamente eles nos fornecem assunto para conversa. Mesmo quando queremos falar sobre os outros positivamente, nós sempre nos surpreendemos julgando, classificando, ou então comparando-nos a eles. Com bastante frequência falar sobre os outros é falar sobre si mesmo, sem que disto se tome consciência. Falamos sobre as coisas que gostaríamos de ter, ou sobre coisas que nos incomodam, que nos causam insegurança ou que nos provocam. Mas quando falo sobre os outros eu esqueço que estou falando sobre mim mesmo e sobre meus problemas. E assim isto quase nunca me leva a me conhecer melhor, antes levando-me a rejeitar a auto-observação sincera. Procuramos distanciar-nos da própria realidade falando dos outros. E no entanto, qualquer observador pode perceber que continuamente nós estamos nos traindo. A um ou vinte atento nosso falar revela qual é a nossa situa-

ção, em que é que estamos pensando, com que nos ocupamos, o que não conseguimos superar interiormente. Nossa linguagem trai aos outros as nossas emoções e desejos, nossos planos, nossas motivações, nossos problemas e complexos.

Um terceiro perigo do falar é para os monges a vaidade. Aquele que fala muito, frequentemente coloca-se no centro. Sempre de novo ele volta a falar de si, põe-se debaixo da lâmpada para que os outros lhe deem a devida atenção. Assim diz Clímaco:

A tagarelice é o trono da vanglória, onde ela senta-se em juízo sobre si mesma e toca o trombone sobre si para o mundo inteiro¹.

Quem fala quer ser levado em conta. Quem fala espera ser ouvido, ser levado a sério. E com bastante frequência espera ser reconhecido, ou mesmo admirado. Sem perceber, a gente torce as palavras de modo a provocar reconhecimento. Assim o falar serve com frequência para satisfazer a vaidade.

O quarto perigo do falar consiste em se negligenciar a vigilância interior. Ao falar a gente constantemente esquece a vigilância sobre si próprio. Um dito dos padres expressa isto da seguinte maneira:

1. CLIMACUS, Johannes. *Die Leiter zum Paradiese*. Regensburg: [s.e.], 1874, p. 163 [Tradução alemã por um padre católico].

O Abade Diádoco dizia: “Assim como as portas do banho quando ficam sempre abertas rapidamente deixam o calor escoar-se de dentro para fora, assim também quem muito fala, mesmo que fale de coisas boas, deixa sua lembrança fugir pelo portão da voz” (II,12).

Com a palavra lembrança (*mneme*) Diádoco está se referindo ao estar-em-si, ao fixar-se em Deus, ao pensar em Deus. No falar eu sempre de novo me afasto de mim mesmo e do meu centro e passo por cima das barreiras interiores que ergui para criar ordem nas minhas ideias e sentimentos. H. Nouwen, um padre e psicólogo holandês, teve esta experiência quando durante sete meses esteve em um mosteiro trapista. Ele escreve:

Silêncio. Não resta dúvida: o silêncio é de grande importância para mim. Durante a última semana, com esta saída para New Haven, que foi cheia de discussões e diálogos, além de muitas conversas telefônicas aparentemente necessárias e de uma série de conversas com os monges, cada vez mais o silêncio foi deixando de ser parte da minha vida. Com a ausência do silêncio desenvolveu-se uma espécie de sentimento de sujeira interior. De início eu não sabia por que de certa forma sentia-me sujo, empoeirado e impuro, mas com o passar do tempo fui per-

cebendo que a causa mais importante para isto deve ter sido a falta do silêncio. Tomo consciência de que, com as palavras, sentimentos ambíguos penetram em minha vida. Parece-me ser quase impossível falar sem ao mesmo tempo pecar. Mesmo na mais exigente discussão, introduz-se alguma coisa que parece poluir a atmosfera. Inexplicavelmente o falar diminui minha capacidade de vigilância e de abertura, torna-me mais egocêntrico. Após minha discussão com os estudantes em New Haven, no último domingo, senti-me não apenas cansado e exausto, mas também como se tivesse tocado em alguma coisa que não era para ser tocada; como se tivesse deformado alguma coisa ao falar a respeito dela; como se tivesse tentado pegar uma gota de orvalho. Depois senti-me perturbado e não consegui dormir.

São Bento fala com muita clareza sobre a importância do silêncio. Ele acha que mesmo sobre as coisas boas é melhor se ficar calado do que falar. Com isto ele parece querer dizer que é praticamente impossível falar-se de coisas boas sem com isto também se entrar em contato com as coisas más, assim como é impossível comer carne sem antes haver matado um ser vivo².

2. NOUWEN, H.J.M. *Ich hörte auf die Stille*. Freiburg: [s.e.], 1979, p. 124.

Bento quer chamar nossa atenção para o fato de que em todo o nosso falar o mal consegue insinuar-se. Mas o fato de sabermos disto não nos deve fazer sucumbir ao medo nem à culpa. Se assim fosse, nada mais poderíamos dizer, para não cometermos nenhum pecado. Mas o que é importante para Bento não é a pureza em relação ao pecado, mas sim que não devemos nos iludir pensando que ao buscar os nossos ideais nós já sejamos quase perfeitos. A experiência de que em todo o falar nós sempre de novo pecamos não deve deixar-nos oprimidos. Não devemos imaginar que estejamos sempre com a consciência pesada. Do contrário haveríamos de nos tornar escrupulosos. Antes devemos sempre unir a experiência de nossa ambiguidade no falar com a certeza de que Deus nos aceita assim como somos. Por isso Bento exige de seus monges que nunca duvidem da misericórdia de Deus (RB 4,90). Existe uma certa pitada de humor no fato de sempre nos surpreendermos como pecadores no nosso falar, um humor que está radicado precisamente na certeza de sermos aceitos e amados por Deus. Então a experiência da própria fraqueza leva-nos não a um medo escrupuloso da culpa, mas antes a um sentimento de liberdade interior. A imagem ideal que carrego de mim mesmo em meu coração, e a que me

apego convulsivamente, vai sendo cada vez mais desmontada, eu não preciso mais carregá-la comigo, e onde quer que esteja eu posso ver-me de uma maneira nova. Isto deixa-me livre para mim mesmo. Eu não preciso identificar-me com minha imagem ideal, eu posso ser quem eu sou, porque Deus me ama assim como eu sou. Portanto a experiência dos perigos acarretados pelo falar é ao mesmo tempo a experiência de estarmos acolhidos e protegidos no amor e no perdão de Deus.

2. O silêncio como caminho para o autoencontro

São Bento quer que seus monges pratiquem o silêncio para que pequem menos. Mas quando analisamos melhor os escritos monásticos, nós descobrimos também outras funções mais positivas para o silêncio. O silêncio é uma forma de o monge encontrar-se consigo mesmo. Frequentemente nós ficamos surpresos de como fugimos de nós mesmos, de como não gostamos de estar sós. E quando estamos sós, precisamos de uma ocupação qualquer. Ernesto Cardenal, que como noviço trapista foi discípulo de Thomas Merton, descreve esta experiência: